

**Associação Brasileira de Educação Médica**  
**Série de relatos: "Educação médica em tempos de pandemia"**

**Raquel Rangel Cesario**

*Docente no PPG em Desenvolvimento Regional do Uni-Facef e no curso de Medicina/Uni-Facef e Unifran, mestre em Medicina e Saúde, doutora em Promoção de Saúde*

**O dia em que Matilde reencontra Clotilde**

Clotilde nasceu na década de 70 do século XX e fez toda sua formação escolar em escolas públicas, primeiro no interior, depois na capital. Sempre boa menina, aprendeu a obedecer aos professores e a decorar os conteúdos para as provas, o que lhe rendia boas notas no boletim. Mas Clotilde, mesmo sem saber, tinha uma centelha questionadora dentro de si.

Crescida, solteira e nos seus 20 e poucos anos, formada profissional de saúde, foi Clotilde trabalhar. Os colegas de trabalho, outros profissionais de saúde, sérios, técnicos, quadrados. Os colegas da noite e do fim de semana, artistas, questionadores, rebeldes e alegres. Na tensão entre o dia e a noite, a labuta e o lazer, um desconforto. O tecnicismo profissional não aquecia seu coração, alguma coisa precisava ser feita para aproximar seus dois mundos, integrar sua vida dupla em uma só.

Com os 30 batendo à sua porta, incomodada com a postura seca e reducionista de muitos profissionais de saúde, Clotilde começa a descobrir que existem modelos pedagógicos alternativos que, empreendidos na formação de profissionais, têm o poder de ampliar sua postura profissional para uma mais condizente com o que ela acreditava. Primeiro, ouviu falar em PBL. Depois, em Metodologias Ativas. Tudo tão encantador que Clotilde resolveu até mudar de nome, incorporando o MA, de metodologias ativas. Não foi da noite para o dia, claro, mas Clotilde se transformou em Matilde.

Matilde foi se formando com aulas passivas e tradicionais sobre metodologias ativas. Longe do ideal, mas suficiente para cuidar da centelha interior que a alimentava. Tornou-se professora, agora "constrói" médicos. Foi num curso de especialização semipresencial – Ativadores de Processos de Mudança na Formação de Profissionais de Saúde – que viu sua possibilidade de expansão e crescimento interior. Ao descobrir-se trans, descobriu-se inteira. Não viveria mais dissociada. Entendeu que "metodologias ativas" referem-se mais à atividade do pensamento que ao uso de técnicas mirabolantes que mantenham o aluno em movimento; e que o sucesso pleno do seu trabalho na formação de profissionais envolvia a aproximação entre conteúdos, habilidades e atitudes, num currículo integrador que tem o estudante como protagonista do seu processo de ensino-aprendizagem, tocados por uma tríade corpo diretivo-docente-discente alinhada aos mesmos princípios.

**Associação Brasileira de Educação Médica**  
**Série de relatos: “Educação médica em tempos de pandemia”**

Matilde não queria ajudar a construir médicos, simplesmente. Matilde queria ajudar a transformar meninas e meninos cheios de sonho e medo em pessoas que tivessem a oportunidade de preencher suas vidas com cuidado, amor e reconhecimento, por meio do exercício profissional da medicina.

Sabia que, tendo sido a Clotilde forjada na pedagogia tradicional, ela haveria de viver fora da zona de conforto, atenta para colocar de lado sua vaidade e vontade de ser o centro das atenções. Como companheira e constante fiscal da sua realidade, a analogia da relação médico-paciente com a relação professor-aluno; a certeza de que seria através do exemplo dado na relação do professor com o aluno que formaria o médico que idealizava. Se a pessoa-paciente deve ter sua autonomia valorizada pelo profissional de saúde, a pessoa-estudante-de-medicina também, pelo seu professor.

E Matilde segue, louvando sua vida profissional a Paulo Freire, com sua pedagogia problematizadora e libertadora; Edgar Morin e Maria José Esteves, com o pensamento complexo e sistêmico; Pedro Demo, que tão singelamente mostrou a importância da autoria no protagonismo do estudante; colegas de trabalho, que compõem uma equipe de semelhantes, buscando com alegria esse deslocamento de postura profissional; e alunos, causa e consequência de tudo isso.

Ciente de que ainda não sabia todas as respostas, teve a vida atropelada por novas perguntas. Às vésperas dos seus 50 anos, um vírus pandêmico chacoalha a humanidade, tira o equilíbrio, coloca todos em quarentena e os obriga a confrontarem-se com suas certezas, suas posturas, suas coerências e incoerências.

Matilde então se lembrou que em momentos de crise a resistência se faz presente e com ela a tentativa de manter o funcionamento normal do sistema. Fechadas as escolas, enviados e trancafiados alunos e professores em suas casas, podemos sim continuar com o projeto de formar pessoas capazes de exercer a medicina com competência e responsabilidade. Vamos lá, temos tecnologia para isso, a educação on-line, virtual, síncrona ou a distância pode ser de qualidade em uma instituição que é inflexível em sua determinação de oferecer uma experiência de máxima qualidade aos seus alunos. Vamos manter o cronograma e salvar o semestre letivo. Vamos reformular nossas aulas, vamos pensar em técnicas atrativas que mantenham a motivação dos alunos, vamos estar presentes, vamos concentrar conteúdos teóricos que estavam distribuídos pelo semestre, vamos acolher os alunos em suas angústias e dificuldades com tecnologia, vamos acolher os colegas que estão também nos hospitais e pronto-socorros, na linha de frente do enfrentamento ao novo inimigo número 1. Vamos, vamos, vamos!

23 de março de 2020. Primeira aula on-line. Matilde acordou no horário habitual, banhou-se, perfumou-se, vestiu calça jeans, blusa, sapatos, brinco. Respirou fundo e sentou-se em frente ao computador, no escritório de sua casa, às 7h30. Ali encontrou os alunos e deles se despediu às 11h,

**Associação Brasileira de Educação Médica**  
**Série de relatos: "Educação médica em tempos de pandemia"**

imediatamente antes de entrar em reunião com os colegas que tinham acabado de viver a mesma experiência. Meio-dia. Respirou outra vez. Oba! Uma segunda-feira em que poderia almoçar com o marido. Levantou-se, preparou o almoço, almoçou, deixou o marido falando sozinho e correu para o computador. 13h10, mais uma turma de alunos. 16h30, mais uma reunião com colegas. 17h30, respirou. Levantou! Ufa! As pernas ainda esticam?

Durante o mês de abril as coisas foram se ajeitando, brincos e sapatos foram esquecidos. Matilde tinha a sensação de que nunca trabalhara tanto, mas estava gostando da experiência. *Nossa, quanta coisa devia saber e não sabia! Nossa, como é bom descobrir novas formas de fazer o de sempre! Esse gato é tão lindinho deitando sobre o teclado. Alguns alunos estão infelizes, mas a maioria está se adaptando, a conexão está ficando melhor, o silêncio dos alunos está diminuindo, especialmente no primeiro ano. Como é mesmo o nome daquela aluna? Puxa, tivemos tão pouco tempo juntos, ainda não conheço esses alunos novos. E aquela ali, nunca liga a webcam, disse que está com defeito e não pode sair para comprar outra, até o comércio está fechado. Será verdade? A internet desse aluno sempre cai... E esse silêncio, gente? Gatinho, querido, sai daqui, deixa a mamãe trabalhar. Vamos, falem, falem, participem, eu preciso saber o que vocês sabem para encontrar o que não sabem. É aí que eu entro, entendeu? O que pensam sobre isso, como estão se sentindo, vocês gostam de estar neste grupo?... O silêncio deles me faz falar tanto! Esse grupo de professores é incrível: motivados, coesos, responsáveis, amigos. Que energia! Os alunos do TCC estão me procurando. Preciso ler os seus projetos. E aqueles artigos, tenho que aproveitar pra escrever aqueles artigos. Essa semana tem as defesas on-line do mestrado... Preciso tirar esse pijama. Talvez até passar um batom. Será que dá pra notar nas aulas que a blusa é sempre a mesma? E quero ler, preciso ler. Queria tanto ler esses livros! Os cachorros latiram, meu Deus, quase não vou lá fora! Preciso fazer companhia para os animais. E levar ração pra eles. E aquela rede na varanda? É bonito quando o vento a balança. O curso on-line de comunicação não violenta é tão legal! Os módulos são curtinhos, exigem tão pouco, por que não estou fazendo? E essas lives, gente? Que fenômeno é esse? Ainda não assisti a nenhuma. Sem tempo. Aff, quero descansar! A faculdade podia tanto adiantar as férias. Ainda bem que recebo marmitinhas congeladas em casa para almoçar e jantar. A máquina lava-louças está tão ativa quanto eu. Mas até que estou gostando, tanta coisa que eu devia saber e não sabia! Mas já foi, já vivi, já aprendi. Férias, cadê você, sua linda? Mas acho que está valendo a pena, os alunos devem estar adorando aprender tanto conteúdo! É tudo tão rico, tão interessante!*

Maio chega e com ele o 40º dia de quarentena. As reflexões vêm e recusam-se a ir embora.

– Será? Oi? Quem está aí? Clotilde, é você?

– Oi, Matilde, claro que sou eu. Viu como o conteúdo é soberano? Na hora do vamo-ver quem foi que você procurou? Quem? Quem? Euzinha! Não adiantou tentar me matar, ainda vivo dentro de você.

**Associação Brasileira de Educação Médica**  
**Série de relatos: "Educação médica em tempos de pandemia"**

– Clotilde, querida, sem essa de conteúdo soberano. Você é linda, mas é cartesiana demais pro meu gosto. E é uma exigência do meu trabalho, sabe? Não me leve a mal. A medicina demanda a integração de tantas disciplinas pra atuar sobre a complexidade humana, que exige um olhar sistêmico, querida. E esse método pedagógico que usamos! É demais, menina, você devia conhecer.

– Matilde, pra começo de conversa, você no máximo é protossistêmica. Precisa de uma injeção de Faimer ainda pra crescer e cruzar o arco-íris. Olha pros hospitais agora. Aposto que os médicos que estão se saindo melhor tiveram uma bela base teórica antes de iniciar a prática. Desenvolver competência sem o protagonismo do conhecimento teórico? Tá doida? Como você pode ser professora sem saber aquilo que aprendeu no mês passado? Seja pragmática, mulher!

– Eu não sou contra o conhecimento, Clotilde. Como desenvolver competência sem ele? Ademais, isso aqui não é uma competição. A questão é o como fazer isso. Teremos nós competência para adaptar o processo ensino-aprendizagem presencial para o virtual em toque de caixa, sem nos adoecer? Essa semana comecei a ouvir colegas empenhadíssimas desmotivadas, querendo pular fora do barco. É um sinal de alerta. Aliás, você aqui é a prova viva disso. O que você está fazendo aqui, Clotilde?

– Ué, foi você quem me chamou. Tá arrependida?

– Eu? É, tá bom, acho que está certa. Precisávamos mesmo deste encontro, harmonizar nossas partes. Você é bem-vinda, tudo que sou hoje devo a você. Fique comigo, me ajude. Aprenda comigo, entenda que valorizar somente o conhecimento nesta etapa pode significar o desperdício de recursos importantes. Sejam menos medrosas, vamos descobrir juntas como colocar o estudante no centro do seu processo de ensino-aprendizagem, o modo Zoom de viver é inodoro, mas ainda é colorido. Me ajude a pensar! Aceitemos a colaboração de Bloom e tantos outros... O que acha de criarmos situações de aprendizagem que simulem a aplicação prática dos conteúdos trabalhados? Aprendizagem baseada em projetos? Ou jogar o semestre para o ar e decretar férias por período indeterminado? Tipo parar tudo, viver a pandemia... só para encontrar o ócio, e depois o tédio e, então, finalmente, a mim mesma?

– Férias indeterminadas, Matilde? Parar tudo, Matilde? E o seu salário? Vai viver de quê? Vamos de simulação, aplicação, criatividade. E cuidado, querida Matilde!

– Cuidado! Autocuidado! "Altercuidado"!...

– Já estamos inventando palavras, querida. Que tal trocar a rede mundial de computadores por aquela rede ali na varanda? Só por hoje.

– Vamos, Clotilde, por enquanto, ainda, só por hoje!

Recebido: 8 de maio de 2020.